

CÉSAR AMORIM

Decaídos

Entre Anjos e Sombras

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

A escolhida

1

O caminho até a casa de Regina, no alto do morro, era íngreme e considerado de alto risco. A Defesa Civil já alertara toda a população daqueles casebres para que abandonassem seus lares e construíssem em outro lugar. Mais uma chuva torrencial como a que aconteceu no último inverno poderia ser fatal para todos. A maioria dos moradores já havia partido, só restaram Regina e sua família: mãe, pai e duas irmãs pequenas e gêmeas.

Por elas, já teriam saído dali, mas seu pai oferecera resistência. Ele, sempre ele, o principal responsável pela merda em que se encontravam.

Não era inverno, mas a chuva castigava a cidade desde a madrugada anterior. A noite fora um tormento. Regina e suas irmãs dormiram abraçadas, tentando escapar das inúmeras goteiras que se espalhavam pelo teto, e se protegendo do pavor que os assustadores trovões provocavam. Somente elas e a mãe em casa, mais ninguém. Seu pai não se encontrava. Claro, sabia do perigo que corria, e enquanto a chuva insistisse ele não apareceria em casa. Devia estar em algum boteco enchendo a cara, “aquecendo as ideias”, como dizia.

Ele era um inútil, isso sim, pensava Regina. Inúmeras vezes era trazido para casa por algum conhecido, amparado, carregado e esbravejando, amaldiçoando a Deus e todo o mundo. Não trabalhava havia anos, vivia de bicos aqui e ali, dependia da mulher e a tratava como se não precisasse dela. Regina já perdera a conta das vezes que vira sua mãe ser espancada, aquilo virara rotina. Nesses momentos, ela partia para cima de Josias, mas seus poucos anos e sua força de menina não eram páreos para os músculos do pai. Mas uma coisa não se podia negar: nelas, nas filhas, ele nunca encostara um dedo. Também não podia, sua mulher o mataria sem pestanejar.

— Desconte tudo em mim, Josias, em mim, tá ouvindo? Deixe minhas filhas em paz. Tu é um condenado, hÔme, um bichinho acuado, tenho pena de tu. Mas não me provoque, eu num sei do que sou capaz — falava Zuzinha, num dos raros momentos de ternura entre os dois, dentro da rede velha, armada no centro do barraco.

“*Não me provoque...*”. O que é que ele fizera desde que Regina se entendia por gente? Provocar, bater, ameaçar. E sua mãe ainda se deitava com ele. Sempre que colocada contra a parede, Zuzinha se justificava, tinha uma dívida com seu marido, ele a tirou da vida, da rua. Recebia, sem se queixar, tudo o que ele tinha para lhe dar, tudo mesmo, fosse o que fosse. Para ela, ele era a sua salvação e a sua ruína. Agora, pela primeira vez, ela tinha essas duas coisas. Antes de conhecer Josias, só havia ruína, desgraça; agora não, tinha suas filhas, seus tesouros, e, mal ou bem, tinha uma família. Quantas de suas amigas gostariam de ter tido a mesma sorte, um homem só delas, e não tinham?

Sua mãe continuava tendo clientes, não como os de outrora, seu ramo de negócios sofrera um desvio. Agora ela era

Madame Zuzinha, a feiticeira. Ela preferia que a chamassem de Madame, impressionava mais.

— Madame, pessoá. Quando perguntarem por mim é a Madame Zuzinha, tá bem? Não esqueçam — era a instrução que dava para seus conhecidos.

Ao lado do barraco havia um terreiro, um descampado, onde ela fazia seus “trabalhos”. Cobrava barato e, para seu descontentamento, seus clientes não tinham muitas posses. A maioria era como ela, pobre, que pagava a “consulta” a prazo, prazos a perder de vista.

Regina aprendeu a fazer alguns “feitiços”, a invocar nomes “perigosos”, entidades do mal, como eram conhecidos. Sua mãe a alertara para o perigo desse serviço, muitas vezes teve que retirá-la do terreiro sob chicotadas, tamanha a empolgação da menina com esses assuntos. Madame Zuzinha era uma farsa, nunca recebeu entidade alguma, mas Regina tinha talento. Se quisesse, Zuzinha teria como explorar os dotes da filha, mas nem lhe passava pela cabeça.

— É um dom de Deus. E com Deus não se brinca — vivia falando para Regina, que inúmeras vezes lhe dera a ideia.

Para Zuzinha, a sobrevivência falava mais alto, por isso a charlatanice de fingir ser o que nunca foi, mas com os poderes de Deus ela não se atrevia a mexer.

— Por que poderes de Deus? Pode ser poderes do diabo — foi a primeira e última vez que Regina questionou aquilo. Recebeu um tapa tão potente no rosto, dado por sua mãe, que nunca mais ousou expressar-se daquela maneira. Mas continuava pensando da mesma forma.

A chuva fazia escorrer uma cachoeira do alto do morro. Era tanta água descendo que ficava difícil chegar lá no alto. Mas Regina estava se esforçando ao máximo. Tinha pressa

de chegar em casa, muita pressa. Estava transtornada, envergonhada. Acontecera algo, sua mãe já falara a respeito, mas nunca imaginou que fosse daquela maneira e que viria naquele dia. Chegava bem tarde, é verdade, mas ela esperava, ao menos, receber um aviso antes, o que não aconteceu.

Ela estava encharcada, seu vestido curtinho, no meio das coxas, não servia para nada. Ouviu tantas piadas no caminho para casa, daqueles homens nojentos que andavam com seu pai, que teve vontade de morrer. Como a chuva a deixara ensopada, ela não percebera o que se passava consigo, até um imbecil segurá-la pelo braço na frente do boteco, quase no pé do morro, e falar:

— Tá ficando mocinha, hein, Regininha. Tá bom de arrumar um macho procê.

Ela se desvencilhou com raiva, não entendeu a gracinha. Foi quando o infeliz enfiou a mão no meio de suas pernas e a trouxe suja de sangue.

— Adoro esse sanguinho — gemeu, levando a mão ao nariz.

Só então ela compreendeu: menstruara.

Alguns homens estavam no bar e gargalharam com a ousadia do companheiro. Seu pai também estava lá. Ela olhou para ele, suplicando ajuda. Sentado estava, numa mesa do fundo, e sentado continuou, os olhos semicerrados, vermelhos, mortos, como se não enxergasse nada.

Regina sentiu tanto ódio e tanta repulsa que vomitou em cima do homem. Um grito angustiante saiu de sua boca, tapada instantaneamente por suas mãos, e fugiu em disparada, deixando para trás o eco das gargalhadas e as xingações daqueles asquerosos.

Nunca foi tão difícil chegar a sua casa. Nunca teve tanta pressa. No meio do caminho, quando já era possível ver o barraco, Regina viu o que nunca mais esqueceria. A chuva formava uma parede espessa entre ela e a realidade a sua frente.

Eram exatamente quatro e meia da tarde quando Regina perdeu sua família. O barraco todo foi ao chão. O desabamento aconteceu diante de seus olhos. Talvez tenha ouvido, não se recordaria direito mais tarde, os gritos de sua mãe e irmãs dentro dele. Uma montanha de barro e rochas deslizou sobre ele, transformando sua casa em um amontoado de terra vermelha e pedras gigantescas. O rio vermelho do barro misturado com a água da chuva veio com força sobre os pés de Regina, parada, imóvel na ladeira escorregadia. Parada onde estava, ela só conseguia pensar em uma coisa: sua vida. Agora sim, viveria num inferno legítimo. Aquele dia vermelho não deixava dúvidas. O barro, o sangue, o seu inferno. Só o diabo suportaria o que já era insuportável.

Saindo do torpor momentâneo, percebendo que não conseguiria remover todos aqueles destroços sozinha, correu ladeira abaixo, correu muito, com muita vontade de chegar a algum lugar onde houvesse uma esperança para sua família, onde pudesse encontrar alguém que a ajudasse, que a salvasse do destino que se desenhava diante de si.

Correu, deixando no caminho o rastro de sangue que, infelizmente, a acompanharia até o fim de sua curta existência.

2

Nenhum sobrevivente, disseram os peritos que removeram os corpos.

Ainda chovia torrencialmente quando a última vítima, uma das gêmeas, foi retirada. A noite caiu pesada, escura, sufocante.

Regina estava sob os cuidados de uma das clientes de sua mãe, sentada bem perto do que restara de sua casa. Àquela altura, já não mais chorava, apenas observava o trabalho extenuante dos bombeiros, gritando uns para os outros, tentando se fazerem ouvir em meio ao barulho ensurdecido dos enormes pingos d'água que explodiam no chão.

Seu pai foi um caso à parte. Assim que soube do ocorrido, voou para casa, absolutamente embriagado, tropeçando nas próprias pernas. Ficou horas gritando o nome da mulher e das filhas, entre eles o de Regina, como se ela também estivesse morta. Ao seu lado, ela não o reconhecia. A sua dor era genuína. Ele chorou, urrou, agrediu os bombeiros, quase atrapalhou o andamento dos trabalhos. A cliente, que permanecia fiel ao lado de Regina, aconselhou-a a falar com o pai, consolá-lo, dizer que ela não morrera. A garota encarou a mulher friamente e disse:

— Quem disse que não?

Foi a única frase que pronunciou durante toda a noite e no dia seguinte, na hora do enterro, e nos dias que se estenderiam por semanas sem fim.

Com a ajuda de alguns poucos conhecidos, Regina e seu pai, que parecia não a reconhecer, ou mesmo nem saber que ela estava ao seu lado, ficaram hospedados num quartinho de despejo, numa pensãozinha vagabunda a poucas quadras do acidente. Como o dinheiro era curto e a ajuda não foi das mais proveitosas em termos monetários, tiveram que se virar por ali mesmo.

Passaram-se os meses e a situação deles estava de mal a pior. Regina deixou, inclusive, de frequentar a escola, onde fazia o quarto ano do ensino fundamental, para se dedicar ao seu pai.

“*Se dedicar ao seu pai...*”. Essa frase parecia uma brincadeira de mau gosto, mas de algum modo era verdadeira. Mesmo evitando trocar qualquer palavra com ele, Regina não o odiava mais. A sua reação ao ver a família dizimada a enterneceu, nitidamente já não era o mesmo. Ela cuidava dele como cuidara das irmãs caçulas. Ele era o seu filho agora, teria que ter paciência.

Josias se levantou naquela manhã fria de julho e resolveu procurar emprego, fosse o que fosse, alguma coisa o fez acordar. Haviam-se passado seis meses desde a tragédia e sua vida estava reduzida a nada. Faria algo para reverter a situação. O engraçado é que ele nunca se questionara como conseguira chegar tão longe sem dinheiro algum. Como pôde ficar seis meses escorado, comendo, morando, se não tinha nada para dar em troca? Foi aí que ele se lembrou de Regina. De uma hora para outra a sua presença foi percebida por ele. Sua filha estava viva!

Deitada, só de camisola, com o único lençol entre as pernas, Regina dormia e era observada por seu pai. Meu Deus, como não pôde enxergar? Sua filha crescera, estava

uma mulher. Apesar dos recém-completados quinze anos, Regina parecia uma verdadeira mulher. A pele morena, lisa e perfeita, rija, os cabelos ondulados espalhados sobre o travesseiro, formando figuras graciosas com seus cachos, as pernas compridas, bem-torneadas, a boca carnuda entreaberta, o rosto de um anjo. O deslumbramento inicial de Josias deu lugar a uma constatação dolorosa: era ela! A responsável por sua sobrevivência era ela. E a maneira como os estava sustentando não demorou muito a ficar evidente para ele.

Num acesso absoluto de ira, Josias partiu para cima de Regina, gritando e esbofeteando o rosto adormecido da filha.

— Sua filha da puta miserável! Não quero seu dinheiro, infeliz!

Regina se debatia sobre a cama, alarmada com a violência surpreendente de que era vítima. Tentou gritar, mas o choque foi tão intenso que a voz lhe faltou. Seu pai estava sobre ela e prendia seus braços e pernas com seu corpo forte. A respiração de ambos estava alta, fora de controle. No ataque, os seios de Regina pularam para fora da camisola puída, deixando à mostra a beleza dos bicos duros e rosados. Seu pai a encarava fundo nos olhos. Ela estava apavorada.

Subitamente, algo aconteceu. Regina sentiu sobre seu corpo, entre as pernas fortes e musculosas de seu pai, uma pressão. Com o coração aos saltos, deduziu o que era. Ele estava tendo uma ereção. A partir dali, tudo foi um sonho. Horas mais tarde, Regina não se lembraria exatamente do que ocorrera, só sabia que aquela ereção abria um canal entre ela e qualquer coisa do outro lado, uma coisa que a fez ficar violenta, sensual, excitada e absolutamente sem controle. O horror começara.

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em maio de 2023.
